

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO FREIREANA NO ENSINO MÉDIO: politicidade, ética e estética

Cléuma de Melo Barbosa

Universidad San Carlos – USC/PY

<https://orcid.org/0009-0004-6295-0228>

Ivanilde Apoluceno de Oliveira

Universidade do Estado do Pará - UEPA

<https://orcid.org/0000-0002-3458-584X>

Resumo:

Neste artigo propõe-se uma reflexão sobre a filosofia no ensino médio tendo por base as categorias do pensamento educacional de Paulo Freire: politicidade, ética e estética. Conceitos que são articulados na educação de Paulo Freire. O objetivo é refletir sobre a importância da educação freireana no ensino de filosofia, com vistas a desenvolver nos estudantes a capacidade de questionar, problematizar, pensar criticamente sobre sua realidade, ser criativo e articular a teoria e prática para se tornarem agentes de transformação social. Consiste em uma pesquisa bibliográfica pautada em obras de Paulo Freire e de autores que debatem o ensino de filosofia na abordagem freireana. O artigo destaca em termos da educação: a politicidade e a ética como ferramentas de conscientização e ação, estimulando a criticidade e a práxis (reflexão-ação) necessárias à formação integral do ser humano e à problematização da realidade social, e a estética que enriquece o aprendizado, estimulando a criatividade e a expressão pessoal dos estudantes. Entre os resultados destacam-se: o ensino de filosofia na abordagem freireana estimula a curiosidade e o ato de perguntar, sendo os jovens incentivados a questionar e analisar criticamente o mundo ao seu redor, promovendo um ambiente educativo que valoriza a reflexão crítica, a expressão pessoal e coletiva, as atitudes éticas, os saberes e experiências de vida dos sujeitos. A interligação entre a politicidade, a ética e a estética tornam-se necessárias a formação filosófica do estudante do ensino médio, por ser a educação um ato político, ético e estético, que impacta a vida pessoal e coletiva dos indivíduos, sendo valorizadas, as atitudes de respeito ao outro, a arte e a criatividade como componentes fundamentais do processo educativo.

Palavras-chave: Educação de Paulo Freire. Filosofia. Ensino Médio.

Abstract:

This article proposes a reflection on philosophy in high school based on the categories of Paulo Freire's educational thought: politics, ethics and aesthetics. Concepts that are articulated in Paulo Freire's education. The objective is to reflect on the importance of Freirean education in the teaching of philosophy, with a view to developing in students the ability to question, problematize, think critically about their reality, be creative and articulate theory and practice to become agents of social transformation. It consists of a bibliographic research based on works by Paulo Freire and authors who debate the teaching of philosophy in the Freirean approach. The article highlights in terms of education: politics and ethics as tools for awareness and action, stimulating criticality and praxis (reflection-action) necessary for the integral formation of the human being and the problematization of social reality, and the aesthetics that enrich learning, stimulating creativity and personal expression of students. Among the results, the following stand out: the teaching of philosophy in the Freirean approach stimulates curiosity and the act of asking, and young people are encouraged to question and critically analyze the world around them, promoting an educational environment that values critical reflection, personal and collective expression, ethical attitudes, knowledge and life experiences of the subjects. The interconnection between politics, ethics and aesthetics becomes necessary for the philosophical formation of high school students, as education is a political, ethical and aesthetic act, which impacts the personal and collective lives of individuals, with attitudes of respect for others, art and creativity being valued as fundamental components of the educational process.

Keywords: Paulo Freire Education. Philosophy. High School.

Resumen:

Este artículo propone una reflexión sobre la filosofía en la enseñanza media a partir de las categorías del pensamiento educativo de Paulo Freire: política, ética y estética. Conceptos que se articulan en la formación de Paulo Freire. El objetivo es reflexionar sobre la importancia de la educación freireana en la enseñanza de la filosofía, con miras a desarrollar en los estudiantes la capacidad de cuestionar, problematizar, pensar críticamente sobre su realidad, ser creativos y articular teoría y práctica para convertirse en agentes de transformación social. Consiste en una investigación bibliográfica a partir de trabajos de Paulo Freire y autores que debaten sobre la enseñanza de la filosofía en el enfoque freireano. El artículo destaca en términos educativos: la política y la ética como herramientas de conciencia y acción, estimulando la criticidad y la praxis (reflexión-acción) necesarias para la formación integral del ser humano y la problematización de la realidad social, y las estéticas que enriquecen el aprendizaje, estimulando la creatividad y la expresión personal de los estudiantes. Entre los resultados, se destacan: la enseñanza de la filosofía en el enfoque freireano estimula la curiosidad y el acto de preguntar, y se incentiva a los jóvenes a cuestionar y analizar críticamente el mundo que los rodea, promoviendo un ambiente educativo que valora la reflexión crítica, la expresión personal y colectiva, las actitudes éticas, el conocimiento y las experiencias vitales de los sujetos. A interligação entre a politicidade, a ética e a estética tornam-se necessárias a formação filosófica do estudante do ensino médio, por ser a educação um ato político, ético e estético, que impacta a vida pessoal e coletiva dos indivíduos, sendo valorizadas, as atitudes de respeito ao outro, a arte e a criatividade como componentes fundamentais do processo educativo.

Palabras-clave: Educación de Paulo Freire. Filosofía. Escuela secundaria.

1. Introdução

Aceitar o sonho do mundo melhor e a ele aderir é aceitar entrar no processo de criá-lo. Processo de luta profundamente ancorado na ética. De luta contra qualquer tipo de violência. De violência contra a vida das árvores, dos rios, dos peixes, das montanhas, das cidades, das marcas físicas de memórias culturais e históricas. De violência contra os fracos, os indefesos, contra as minorias ofendidas. De violência contra os discriminados não importa a razão da discriminação. Da luta contra a impunidade que estimula o momento entre nós o crime, o abuso, o desrespeito aos mais fracos, o desrespeito ostensivo à vida.

Paulo Freire (2000, p.133).

O ensino de filosofia no ensino médio debate questões epistemológicas, éticas, estéticas, ontológicas, lógicas, entre outras. Porém, de modo geral, este ensino está pautado em uma pedagogia tradicional, por meio de um ensino conteudista, meritocrático e hegemônico, que não leva em conta as diferenças individuais e culturais e nem os saberes e experiências de vida dos estudantes. Com isso, muitas vezes o ensino de filosofia não dialoga com o contexto

sociocultural nem viabiliza a reflexão de conceitos filosóficos na prática social dos estudantes, bem como não se incentiva a criticidade, a criatividade e o desenvolvimento de atitudes éticas no cotidiano escolar e social, mesmo tendo noções teóricas de estética e ética, não são estabelecidas relações entre a teoria e a prática.

Partimos da problemática de que a educação no ensino médio precisa romper com o modelo tradicional, sendo um espaço de formação integral, no qual a criticidade e a criatividade fazem parte da vida do estudante. Nesse contexto, é fundamental que os jovens sejam incentivados a questionar, refletir e analisar criticamente a realidade à sua volta, e sejam capazes de interferir criativa e eticamente no seu cotidiano social, como sujeitos e cidadãos.

A educação de Paulo Freire valoriza a capacidade de pensar criticamente, promovendo um ambiente no qual os alunos se sintam empoderados para expressar suas opiniões, desafiar as injustiças sociais e agir no contexto social, como agentes de mudanças. Esse processo de formação política, ética e estética é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

O objetivo deste artigo é refletir sobre a importância da educação freireana no ensino de filosofia, com vistas a desenvolver nos estudantes a capacidade de questionar, problematizar, pensar criticamente sobre sua realidade, ser criativo e articular a teoria e prática para se tornarem agentes de transformação social.

Neste estudo propõe-se uma reflexão sobre o ensino de filosofia com jovens do nível médio, tendo por base as seguintes categorias do pensamento educacional de Paulo Freire: politicidade, ética e estética. Conceitos que são articulados na educação de Paulo Freire e serão tratados neste artigo interligados.

O artigo destaca em termos da educação: a politicidade e a ética como ferramentas de conscientização e ação, estimulando a criticidade e a práxis (reflexão-ação) necessárias à formação integral do ser humano e à problematização da realidade social, e a estética, que enriquece o aprendizado, estimulando a criatividade e a expressão pessoal dos estudantes.

O ensino de filosofia na abordagem freireana estimula a curiosidade e o ato de perguntar, sendo os jovens incentivados a questionar e analisar criticamente o mundo ao seu redor, promovendo um ambiente educativo que valoriza a reflexão crítica, a expressão pessoal e coletiva, as atitudes éticas, os saberes e experiências de vida dos sujeitos.

A educação para Freire não é um ato neutro; ela é política por natureza, pois envolve escolhas que afetam a vida coletiva. A interligação entre politicidade, ética e estética tornam-se necessárias a formação filosófica do estudante do ensino médio, por ser a educação um ato político, ético e estético, que impacta a vida pessoal e coletiva dos indivíduos, sendo valorizadas, as atitudes de respeito ao outro, a arte e a criatividade como componentes fundamentais do processo educativo.

Segundo Barbosa (2015, 2018) essa abordagem não apenas enriquece o processo educativo, mas também inspira os estudantes a se engajar em ações que visam a transformação social e a defesa dos direitos humanos.

Metodologicamente trata-se de uma pesquisa bibliográfica pautada em obras de Paulo Freire e de autores que debatem o ensino e categorias freireanas, entre os quais: criticidade (Freire, 2004, 1983, 1981, 1996), politicidade (Freire, 2014, 2004), Barbosa (2018, 2015), Costa (2010); práxis (Freire, 2014, 2004), Oliveira (2024); e estética (Freire, 1996, 1986), Cabral (2022), Oliveira (2017), Shor (1986), ética (Freire, ano e Oliveira, ano). A sistematização e análise das informações bibliográficas foi efetivada por meio de categorizações temáticas.

Este artigo está estruturado em 04 seções, tendo por base as categorias freireanas destacadas neste estudo: a introdução; a politicidade da educação, que inclui a criticidade e a práxis; as dimensões ética e estética da politicidade da educação freireana e as considerações finais.

2. A politicidade da educação freireana

Paulo Freire (2014, p. 101) esclarece que sua percepção em torno da politicidade da educação não se deu do nada, não é uma construção infundada. É algo que passou a fazer parte de sua vida, de sua atividade educativa, de seu ser enquanto homem cidadão. “A minha compreensão da

politicidade da educação me marca de tal maneira a partir de certo momento de minha experiência de homem e de educador que dificilmente te deixo de falar dela”.

Ao afirmar que sua percepção da politicidade da educação é uma construção profundamente enraizada em sua experiência de vida e prática educativa, ele destaca a íntima relação entre a sua teoria e a sua trajetória pessoal.

Assim, a politicidade da educação, para Freire (2014), não é um conceito abstrato, mas uma realidade vivida que reflete seu engajamento com a realidade social e política. A sua compreensão sobre como a educação pode servir como um meio para a conscientização e transformação social emergiu de uma constante reflexão crítica sobre seu papel como educador e cidadão.

Além disso, Freire (2004) enfatiza que a politicidade da educação é um princípio que permeia todos os aspectos de sua prática pedagógica, evidenciando que a educação não pode ser neutra ou despolitizada. Para ele, a prática educativa é política e deve sempre considerar o contexto social e político dos participantes, promovendo uma pedagogia que encoraje a participação ativa e a consciência crítica dos educados.

Ao integrar essas perspectivas em sua metodologia, Freire (2004) busca garantir que a educação não apenas transmita conhecimento, mas também capacite os indivíduos a questionarem, a desafiarem e a transformarem as estruturas de poder e desigualdade existentes. Dessa forma, a educação se torna um instrumento vital na luta por uma sociedade mais justa e democrática.

Neste sentido, a proposta filosófica no ensino médio não pode abrir mão da politicidade. Aliás, não existe sem ela. Não existe filosofia sem política. O ensino exige o ato político em favor das culturas das juventudes e das suas vidas.

Desta forma, no ensino de filosofia há necessidade de se reconhecer e refletir sobre as injustiças e desigualdades que vivemos na sociedade e na qual vivem nossas juventudes. Esta é uma das premissas para começarmos a dialogar, isto é, mostrar nossa opção política. De acordo com Barbosa (2015, 2018) a proposta filosófica deve necessariamente integrar a politicidade. A

filosofia, ao ser ensinada, não se constitui em uma reflexão abstrata, e sim, implica na reflexão crítica sobre a realidade social e política que molda a vida humana em sociedade.

Segundo Paulo Freire (2004, p. 183):

O que eu quero dizer é que a prática educativa é também uma prática política. Fazendo-se educação, necessariamente se faz política. Faz parte da natureza do ser, da prática educativa e docente, a natureza política da educação. É isso que chamo de politicidade da educação a qualidade de ser política que a educação tem.

Reconhecer que o ensino filosófico é, em essência, um ato político implica compreender que cada interação educativa e cada conceito explorado têm o potencial de influenciar a forma como os jovens do ensino médio percebem e se relacionam com o mundo. Portanto, a educação filosófica deve abordar e questionar as desigualdades e injustiças presentes na sociedade, fornecendo às juventudes no contexto escolar as ferramentas para uma análise crítica e engajada com a realidade social.

2.1. Politicidade da educação: Criticidade e práxis

Na prática educativa, Freire (1996, p. 31) declara que “ensinar exige criticidade”. E ainda: porque é crítica, que esta transformação da percepção não se faz mediante um trabalho em nível puramente intelectualista, mas sim na práxis verdadeira, que demanda a ação constante sobre a realidade e a reflexão sobre esta ação (Freire, 1983, 62).

No pensamento pedagógico de Paulo Freire, a **criticidade** emerge como um princípio fundamental que transcende a prática educativa, tornando-se uma parte integral da vida cotidiana e da consciência social. Freire (1996) vê a criticidade como uma atitude essencial para a formação de indivíduos conscientes e engajados politicamente na sociedade.

Para Freire e Faundez (1985) o ensino tradicional se caracteriza por uma pedagogia da resposta, pelo fato de transmitir conteúdos prontos e acabados pelo professor ao aluno, de forma mecânica, sem estimular o ato de perguntar e a problematização dos fatos sociais. Propõem, então, uma pedagogia da pergunta, na qual os educandos indagam, buscam e pesquisam. A pedagogia da pergunta estimula os homens e as mulheres a conhecerem, a criarem, a intervirem na realidade social para modificá-la.

Oliveira (2000) explica que o ato de perguntar em Paulo Freire apresenta três dimensões: existencial, metodológico e político. O existencial, por viabilizar que homens e mulheres coloquem a si mesmos e o mundo como problema; metodológico, na medida em que o perguntar torna-se um procedimento de investigação do conhecimento e político, porque o perguntar consiste em uma ação democrática, ao possibilitar o outro contestar e dizer sua palavra.

Ao fomentar uma prática educativa que valoriza o ato de perguntar e a criticidade, Freire (1996) promove um ensino que estimula os alunos a se tornarem pensadores ativos e agentes de mudança, capacitando-os a enfrentar os desafios econômicos, sociais e culturais presentes na sociedade. Além disso, também estimula o desenvolvimento da autonomia intelectual dos alunos. Ao serem encorajados a perguntar, a questionar e analisar as realidades ao seu redor, os jovens e adolescentes aprendem a ver além das informações superficiais, cultivando uma compreensão mais profunda e crítica dos fenômenos sociais e culturais.

A politicidade em Paulo Freire envolve também o conceito de **práxis**, que consiste na articulação entre a teoria e a prática. Considera Freire que não há separação entre teoria e prática, isto é, não há um momento que apenas se pense, idealize e teorize a realidade na qual estamos humanos.

No pensamento de Paulo Freire (1983), a práxis reflete a integração dinâmica entre teoria e prática, sendo um princípio central que orienta a ação educacional. A prática educativa não é um processo meramente técnico ou acadêmico, mas sim um campo de constante interação e reflexão crítica.

Segundo Oliveira (2024, p.17), a educação é essencialmente ato político “por considerar os sujeitos em inter-relação, e essa tem como mediação a palavra, entendida como diálogo. Deve-se enfatizar que o diálogo mostra a sua força por mobilizar, em reciprocidade, as consciências, promovendo a conscientização, a práxis transformadora”. Isso significa, que o educador deve estar envolvido em um ciclo contínuo de reflexão sobre suas ações e sobre as realidades que busca transformar. A teoria não é uma abstração distante, mas um guia que se concretiza através das práticas educacionais, enquanto a

prática não é apenas uma aplicação de conceitos, mas uma oportunidade para refinar e aprofundar o entendimento teórico.

Assim, a práxis freireana promove um aprendizado que é simultaneamente transformador e reflexivo, permitindo que a educação seja uma ferramenta eficaz para a construção das histórias dos sujeitos e de uma sociedade mais humanizadora.

Para Freire (1981, p.28), o ser humano, ao construir sua história e dar significado ao mundo, articula pensamento e ação, e afirma que o ser humano “é um ser das “práxis”; da ação e da reflexão”.

As palavras de Freire (1981) destacam a práxis como uma ação profundamente intencional e reflexiva, essencial para a transformação e atribuição de significado ao mundo. Segundo Freire (1981), a práxis não é simplesmente um conjunto de ações desordenadas, mas um processo que combina ação e reflexão, permitindo aos seres humanos transformarem sua realidade e dar-lhe significado.

A práxis não é ação cega, desprovida de intenção ou finalidade. É ação e reflexão. Mulheres e homens são seres humanos porque se fizeram historicamente seres da práxis, e assim, se tornaram capazes de, transformando o mundo, dar significado a ele. É que, como seres da práxis e só enquanto tais, ao assumir a situação concreta em que estamos, como condição desafiante, somos capazes de mudar-lhe a significação por meio de nossa ação. Por isto mesmo é que é impossível a práxis verdadeira no vazio antidialetico ao qual leva toda dicotomia sujeito-objeto (Freire, 1981, p. 109).

A afirmação de que "mulheres e homens são seres da práxis" sublinha a ideia de que nossa capacidade de mudar o mundo e atribuir-lhe valor vem da nossa habilidade de engajar-se criticamente com o contexto em que estamos inseridos. Freire (1981) rejeita a dicotomia rígida entre sujeito e objeto, que promove uma visão antidialética, e argumenta que a verdadeira práxis só pode ocorrer em um ambiente de diálogo e interação contínua, na qual a reflexão crítica e a ação se entrelaçam. Essa abordagem enfatiza que a transformação significativa só é possível quando reconhecemos e enfrentamos ativamente as condições concretas e os desafios que nos cercam.

Para Freire (1983, p. 28) articular pensamento e ação só ocorre no domínio das “práxis na qual a ação e a reflexão, solidárias, se iluminam constantemente e mutuamente. Na qual a prática, implica também numa

postura de quem busca o saber, e não de quem passivamente o recebe”. E acrescenta logo a seguir: “A educação, enquanto uma situação gnosiológica que solidariza educador e educando como sujeitos cognoscentes, abre a estes múltiplos e indispensáveis caminhos a sua afirmação como seres das práxis”. (Freire, 1983 p. 85).

Sobre o aspecto da práxis, alguns, às vezes indagam: por articular teoria e prática, será que jovens e adolescentes podem exercer o práxis? A resposta, numa concepção freireana, jamais poderia ser negativa. Sim, os alunos do ensino médio fazem práxis, e o ensino de filosofia vem contribuir para que a relação teoria e prática se estreite cada dia mais, criando com elas formas de se interpretar a realidade em que vivem, e como podem mudar, por menor que seja a mudança.

Na visão freireana, a práxis não é uma exclusividade dos adultos ou dos especialistas, mas um processo acessível e relevante para todas as idades, incluindo os jovens e adolescentes. Freire (1983) acredita que, ao articular teoria e prática, os alunos não apenas participam do processo de aprendizado, mas também se tornam agentes ativos na interpretação e transformação da realidade que as cerca.

O ensino de filosofia, ao oferecer ferramentas para o pensamento crítico e reflexivo, amplia a capacidade dos estudantes de conectar conceitos teóricos com suas experiências cotidianas. Dessa forma, eles podem engajar-se em práxis ao refletir sobre suas ações e contextos, e ao explorar como suas pequenas ações podem contribuir para mudanças significativas, fomentando um senso de agência e responsabilidade desde cedo.

3. A politicidade da educação freireana tem dimensão ética e estética.

A práxis freireana concebe a conscientização, atuação e transformação, e incentiva os estudantes a exercitarem a curiosidade e a criticidade, fazendo com que reflitam sobre si mesmo, suas famílias, seus bairros, sobre o que fazem, como fazem e por que fazem, além de um exercício ético, contribuimos para que estes jovens e adolescentes alicercem cada vez mais a práxis, ou seja, vivenciem a teoria, a palavra e a ação.

A práxis freireana, ao incorporar a conscientização, atuação e transformação, oferece aos alunos uma visão holística para o aprendizado, incentivando-os a explorar e questionar profundamente seu entorno. Ao estimular a curiosidade e a criticidade, os alunos são convidados a refletir eticamente não apenas sobre suas próprias ações, mas também sobre suas interações com suas famílias e comunidades, assim como sobre os motivos e as formas como realizam essas ações.

A criticidade não só fortalece a capacidade de pensar de forma independente, mas também fomenta eticamente um senso de responsabilidade e engajamento ativo na busca por mudanças sociais justas, preparando-os para se tornarem agentes transformadores em suas comunidades.

Enquanto posicionamento ético, uma das principais tarefas da educação alicerçada na proposta freireana, está em contribuir para que seres humanos oprimidos, de diferentes idades, possam pensar e repensar suas atitudes, e as atitudes de quem os cerca. A crítica favorece *o pensar certo*, criando as bases para a práxis transformadora.

No paradigma freireano, a criticidade não apenas desafia as concepções e práticas estabelecidas, mas também incentiva um processo contínuo de autorreflexão e autoavaliação entre os indivíduos. Assim, ao estimular o ato de perguntar e a problematização dos fatos, ao possibilitar o questionamento das normas e estruturas sociais que perpetuam a opressão, a criticidade fomenta uma consciência crítica que é essencial para a prática educativa.

Moreira (2010, p. 98) por seu turno enfatiza que:

A ação transformadora da realidade, enquanto um exercício da criticidade em direção à práxis política, constitui-se a partir de práticas educativas que despertam a curiosidade epistemológica dos educandos e contribuem para a construção de um novo projeto, de um novo sonho de sociedade e mundo a favor das pessoas e classes oprimidas.

Ainda que muitos pensem que a criticidade é tarefa apenas de cientistas e políticos partidários, para Paulo Freire (2004, p. 198) ela não é a tarefa exclusiva destas pessoas. Ele diz: “a criticidade faz parte da natureza mesma vida. É condição necessária a que **a vida** se plenifique, a que a vida se alongue em existência”. (grifo nosso)

A vida humana em Freire (2014) consiste em um princípio ético. Assim, qualquer atitude que interfira de forma negativa no viver do ser humano precisa ser problematizado.

Para Freire (2000, p.129), faz parte do domínio da ética:

a luta em favor dos famintos e destroçados nordestinos, vítimas não só das secas, mas, sobretudo, da malvadez, da gulodice, da insensatez dos poderosos, quanto a briga em favor dos direitos humanos, onde quer que ela se trave. Do direito de ir e vir, do direito de comer, de vestir, de dizer a palavra, de amar, de escolher, de estudar, de trabalhar. Do direito de crer e de não crer, do direito à segurança e à paz.

Oliveira (2000) destaca que a ética freireana pressupõe uma luta pelos direitos do ser humano de viver com dignidade e liberdade; condena toda forma de exploração e discriminação de homens e mulheres e o desrespeito à vida humana. Consiste em uma ética comprometida com os excluídos, os oprimidos e que aponta para novos valores gestados em experiências de solidariedade e ações coletivas dialógicas.

A prática educativa freireana tem por fundamento provocar criticamente a consciência dos educandos que precisa compreender como está organizada politicamente a sociedade, e atenta aos discursos ideológicos e às relações de poder que estão presentes o ambiente escolar e na vida cotidiana dos educandos. Isso implica reconhecer como essas forças influenciam a forma como o conhecimento é transmitido e como os valores são disseminados. Assim, a consciência crítica deve se estender para uma análise do papel da educação na reprodução ou na contestação dessas dinâmicas, com vistas a uma educação transformadora.

Portanto, a prática educativa precisa, política e eticamente, não só desvelar as estruturas de poder e suas implicações, mas também equipar os educandos com as ferramentas necessárias para questionar e resistir a essas influências, promovendo uma educação que emancipe e fortaleça a capacidade dos alunos de engajar-se ativamente na transformação de seu contexto social.

A ação educativa libertadora consiste no trabalho de desmistificação da ideologia, que oculta a verdadeira realidade. Desta forma, a educação torna-se instrumento de desalienação e de libertação, na medida em que os oprimidos

refletem sobre a sua condição de explorado e conscientes da situação opressora que vivem, se engajam uma luta para a libertação (Oliveira, 2000).

Assim, criticar em Freire (1981) não é falar mal nem bem, mas é criticar fundamentado, em uma perspectiva ético-política, preocupado com as transformações e com as consequências destas para as pessoas. Por isso ele diz que não podemos “criticar por pura inveja ou por pura raiva ou para simplesmente aparecer” (Freire, 1981, p. 32).

Para Paulo Freire (1981), a criticidade é um componente essencial da vida e da prática educativa. Ao incorporar a criticidade na educação, os educadores ajudam os alunos a desenvolverem um olhar analítico sobre suas próprias experiências e o mundo ao seu redor. Assim, a criticidade se torna uma ferramenta de emancipação e libertação.

Ao adotar uma abordagem que reconhece e critica as injustiças sociais, o ensino filosófico não apenas promove uma compreensão mais profunda da ética e da política, mas também empodera os adolescentes e jovens para que participem ativamente na construção de uma sociedade mais equitativa. Assim, a filosofia torna-se um espaço de reflexão e de ação ético-política, essencial para o desenvolvimento de uma cidadania crítica e responsável.

Na concepção educativa e filosófica freireana a politicidade da educação tem de ser assumida. O educador ético-libertador tem de decidir de que lado está, pois se não decidir, não demonstrar sua opção, pode ser várias coisas, menos um verdadeiro educa.

A prática educativa é tão necessariamente política quanto é estética e ética. A prática educativa tem uma “boniteza” nela mesma, como também uma moralidade indispensável. E é por isso que a prática educativa vai mais além dela mesma, o que vale dizer que não há prática educativa que não gire em torno de sonhos e de utopias (Freire, 2004, p. 183).

Nos dizeres de Freire (2004, p. 186) “a prática educativa é uma prática política por natureza, mas por natureza é também uma prática esperançada”. E ainda: “não é possível estar no mundo, enquanto ser humano, sem estar com ele e estar com o mundo e estar com os outros é fazer política. Fazer política é

assim a forma natural de os seres humanos estarem no mundo com ele” (Freire, 2014, p. 112).

Tendo como referência a politicidade freireana, Costa (2010, p. 323-324) explica que:

O ato da politicidade requer nossa assunção ao engajamento, de sabendo-nos comprometidos com outro mundo possível, potencializarmos e protagonizarmos cada vez mais quefazeres articulados por meio da participação e da democracia, na direção de uma vida mais bonita para todos e todas, pois é a partir desses pressupostos que romperemos com o fatalismo desesperançoso que pautava a sociedade capitalista e imperialista de nossa época.

Assim, a politicidade da educação em Paulo Freire está relacionada à estética e a ética, refere-se à ideia de que a educação deve sempre considerar o contexto social e político dos educandos, bem como, deve ir além da transmissão de conhecimentos e buscar a conscientização crítica dos indivíduos sobre suas condições de vida e o mundo ao seu redor, a fim de reconhecerem e questionarem as injustiças e desigualdades, visando um mundo mais bonito e melhor.

Desta forma, na visão de Freire (1996) a educação libertadora precisa estar aliada a uma concepção estética, bela, de ver o mundo e de ministrar aula. Para ele, a estética é um dos princípios fundamentais na prática educativa, pois ela promove a criatividade, a curiosidade, o desvelar a realidade e abarca o escutar o aluno e a aluna.

Uma prática educacional ética não pode realizar-se fora da estética. Estetizar em Paulo Freire é mostrar a atitude de boniteza pelo exemplo, é formar moralmente. Nesta perspectiva, estética e ética devem andar de mãos dadas.

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas [...] a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e pureza [...] se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. (Freire, 1996, p. 32-33).

Em uma concepção libertadora freireana não pode faltar, além do rigor e da autoridade, alegria e beleza do ensinar e aprender. É isto o que se denomina estética em Paulo Freire. Não se trata de contemplar e ver o belo na

abstração dos entes. Trata-se de contemplar a realidade social e percebê-la como uma realidade em constante devir, indo e vindo mudando e por isso, sendo (Barbosa, 2018).

A estética da criatividade, não apenas entendida como criatividade para pintar, desenhar e escrever, mas também para inventar uma nova concepção de aula. Cabral (2022) analisa que Freire possui uma escrita poética, considerando que cada ser humano é um ser histórico, que possui corpo consciente e que por isso, a boniteza da educação precisa estar aliada à ética.

Para Cabral (2022, p.70) “a partir dessa premissa, muitas marcações circunstanciais podem identificar relações estéticas educacionais: seja pela natureza e sociedade, até em elementos mais restritos, como escolas, famílias e comunidades”. E Oliveira (2017 p.230) complementa que “o ser humano conhece porque é um corpo consciente, cuja consciência está intencionada ao mundo, “é consciência de”, estando em constante relação dialética com esse mundo” (p. 230)

De forma bela, os dizeres de Shor (1986) revelam que a sala de aula pode ser comparada a um teatro ou palco de representações.

Talvez nós possamos considerar dramaturgos quando reescrevemos os roteiros dramáticos da sala de aula, e reinventamos roteiros libertadores. O programa de estudos é tanto um, roteiro quanto um currículo. A sala de aula é um palco para representações, tanto quanto um momento de educação. Ela não é só um palco e uma representação e não é só um modelo de pesquisa, mas também um lugar que tem dimensões visuais e auditivas. Lá ouvimos e vemos muitas coisas (p. 142-143).

Além de ser ambiente visual e auditivo, outro fator importante na educação que não despreza a estética é o humor, não reduzido a fazer da aula um mero momento engraçado, sem finalidade, mas humor como forma de envolvimento uns com os outros, comédia, risos, humor para se expor.

A postura estética acontece mesmo sem que se perceba. Na prática do educador libertador a estética está presente ao modular seu modo de falar, sua maneira de se posicionar na sala de aula, a forma como chama atenção de um educando ou educanda, ou como expõe o conteúdo, e também como trata os demais professores, técnicos e outros no ambiente escolar. Shor (1986, p. 143-144) nos ensina que:

Como professor libertador, começo minha inversão criativa no momento de falar. Modulo a voz em ritmo de conversa, mas do que em tom didático ou de conferencia. Ouço atentamente cada pronunciamento dos alunos, e peço que os demais alunos também ouçam quando um de seus companheiros fala. Não começo minha réplica logo depois que o aluno termina a sua primeira frase, mas peço que fale mais sobre o assunto. Se me perguntam o que penso, digo que terei prazer em dizer o que penso, “mas por que mais algumas pessoas não falam a respeito do que o aluno acabou de dizer, quer concordando quer não? Se não tenho uma resposta ao que o aluno disse, ou não entendo uma série de comentários dos alunos e não consigo inventar, de momento, as questões que esclareçam o assunto, vou para casa, penso a respeito e, na aula seguinte, começo a partir daquilo que o aluno disse antes, para mostrar-lhes a importância das afirmações que fazem.

Os educadores que mostram respeito pelo aluno, reconhecendo que suas palavras são importantes, seu jeito de se comportar, suas perguntas, tende a despertar-lhes o interesse pelos assuntos trabalhados. Eis a importância de se trabalhar **com** o educando e não **sobre** o educando, impondo-lhes conceitos e afirmações ou *para* eles, levando o conteúdo sem extrair deles as concepções que possuem sobre o que estão ouvindo. Se o educador não busca escutar o aluno, como pode recriar suas falas? Como pode refazer ou reelaborar o conhecimento? Como pode conhece-las? Como pode avaliar a turma e avaliar-se enquanto educador?

Para Barbosa (2015) no momento educativo filosófico, o aspecto estético da aula já começa quando os educadores passam a avaliar a sala de aula. Avaliar não no sentido de atribuir notas e classificações aos alunos, mas avaliação entendida como observação em que o educador ou educadora procura ver onde se pode mudar aquele ambiente, dar uma outra forma, promovendo conjuntamente, encontro após encontro uma ruptura com a educação passiva, bancária.

Mesmo sendo a estética algo interessante e importante ao ato de educar, por vezes, professores e professoras podem esquecer deste fato e realizarem “maus tratos”, como aponta Freire (1986), porém é relevante que o esquecimento não se torne eterno, mas momentâneo, porque quer sejamos professores – bons ou maus artistas – estamos trabalhando para auxiliar na formação humana e eticamente consciente de nossos educandos e educandas.

É necessário aprendermos sobre estes aspectos que a tornam uma educação incomparável, haja vista o fato de ela ter como meta fazer com que

os estudantes, jovens, adultos ou idosos, se decifrem como serem humanos, na medida em que existem.

Assim, o ato de conhecer não é apenas um momento gnosiológico em Freire (1983), é também um momento estético. Freire e Shor (1986) na simplicidade de seus dizeres nos dizem que o conhecimento não é somente rigor científico, conhecimento é beleza e formação.

Conhecer, para mim, é algo belo! Na medida em que conhecer é desvendar um objeto, o desvendamento dá “vida” ao objeto, chama-o para a “vida”, e até mesmo lhe confere uma nova “vida”. Isto é um atarefa artística, porque nosso conhecimento tem qualidade de dar vida, criando e animando os objetos enquanto estudamos [...] Os gestos, a entonação da voz, o caminhar pela sala, a postura – podemos fazer tudo isso sem estrá consciente o tempo todo de seu aspecto estético, de seu impacto na formação dos alunos, através do ensino (Freire, 1986, p. 145).

O ato de conhecer para Freire (1996) é algo belo, contudo não é fácil. O conhecimento segue um caminho difícil, mas pode ser prazeroso. No ensino de filosofia no ensino médio os educadores precisam buscar com os educandos e educandas realizar esse ensino com alegria. E para que esse encontro alegre aconteça, o ensino não pode se dar de forma que os educandos apenas ouçam a descrição das palavras e conceitos filosóficos, ou trabalhar algum assunto que os leve apenas a memorizar. Eles devem ser incentivados a participar, a se colocar diante das questões propostas pelos educadores. Incentivados a não memorizar, mas a dizer o que pensam sobre o exposto. Ensinar de forma estética e ética é ser criativo sem deixar de lado a criticidade e o cuidado com o Outro.

Freire (1986) nos ensina que enquanto professores libertadores realizamos nosso ensino através de quatro vertentes: a gnosiológica, a política, a ética e a estética e por isso estamos constantemente fazendo um jogo estético, nas nossas ações, posturas, na forma como pronunciamos uma palavra, como respondemos a uma pergunta dos educandos que estão conhecendo.

Creio que a partir do momento em que estamos na sala de aula, do momento em que você diz aos seus alunos: “olá, como vão? ”, você inicia, necessariamente um jogo estético. E assim é porque você é um educador que tem que representar um papel estratégico e diretivo na pedagogia libertadora (Freire, 1986, p. 146).

O professor e a professora no ensino de filosofia no ensino médio podem ser artistas na sala de aula, no sentido de recriar o conhecimento levado e construído com os adolescentes, não esquecendo, a cada planejamento, que a educação é um exercício estético, ético e político. Sobre a natureza política e artística da educação, Freire (1986, p. 146) declara com boniteza e simplicidade:

A clareza a respeito da natureza necessariamente política e artística da educação fará do professor um político melhor e um artista melhor. Ao ajudar na formação dos alunos, fazemos arte e política, quer o saibamos, quer não. Saber que, de fato, o que estamos fazendo irá ajudar-nos a fazê-lo melhor.

Essa boniteza a que Freire (1996) se refere pode ser também mencionada da seguinte forma por Oliveira (2017, p. 13):

Boniteza em Freire significa esperança, alegria, solidariedade, amizade, bem querença, decência. Esse lado estético da educação. Que Freire sonha se mostra desde o momento que o professor entra na sala e cumprimenta seu aluno, conhece e se interessa por sua história, chama-o pelo nome, identificando-o e personalizando-o.

A educação estética libertadora em Paulo Freire (1996) integra a arte e a estética no processo educativo, com o objetivo de promover a autonomia e a consciência crítica dos educandos. Para Freire, a educação é uma prática transformadora que estimula a criatividade, a reflexão e a participação ativa dos alunos na construção do seu próprio saber.

Freire (1996) acredita que a experiência estética, que pode ser encontrada em diversas formas de arte, como música, literatura e artes visuais, tem o potencial de despertar a sensibilidade, a percepção crítica e a consciência social dos indivíduos. Nessa perspectiva, a educação se torna um meio de libertação, permitindo que os alunos se relacionem de maneira mais profunda com a realidade e com eles mesmos.

4. Considerações finais

Em síntese, a integração das categorias politicidade, ética e estética envolvendo a criticidade e a práxis na prática educativa freireana é essencial para a formação de jovens criticamente conscientes e eticamente engajados. A formação crítica e criativa criticidade estimula a reflexão sobre a realidade

social, e promove uma reação ativa e diante dos desafios enfrentados pelos estudantes na vida social.

A educação de Paulo Freire é uma prática transformadora, na qual o educador e o educando se engajam em um processo de diálogo e reflexão que leva a mudanças significativas. Dessa forma, a práxis permite que a educação se torne um meio de empoderamento e de transformação social, promovendo a emancipação dos indivíduos e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Assim, a filosofia no ensino médio deve ser abordada como uma ferramenta de formação política, ética e estética, enfatizando a necessidade de reconhecer e refletir criticamente sobre as desigualdades que permeiam a vida dos jovens, mas sobretudo, assumir atitudes de crítica e de mudança de uma sociedade excludente para outra includente.

É fundamental, também, ser valorizada a criatividade e a expressão pessoal, contribuindo para a formação de indivíduos mais sensíveis aos sofrimentos dos outros e humanizados. A proposta educacional, portanto, deve buscar não apenas o conhecimento, mas a construção de um ser humano integral (racional e sensível), capaz de transformar e enriquecer sua realidade e a sociedade como um todo.

Referências

BARBOSA, Cléuma de Melo. **Da feiura à boniteza do mundo: a ética Freireana no ensino de filosofia com crianças e adolescentes**. 231 fls. TCC (Licenciatura em Filosofia) - Universidade Federal do Pará: Belém, Pará, 2015.

BARBOSA, Cléuma de Melo. **O ensino de filosofia e a formação do ser-sujeitocriança na educação de Paulo Freire**. 166 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará: Belém, Pará, 2018.

CABRAL, Fabíola Barroso. **A Boniteza em Paulo Freire e o Ensino de Filosofia com Crianças e Adolescentes em Escola Pública**. 181 fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará: Belém, Pará, 2022.

COSTA, Dayanny. Politicidade. In: **Dicionário Paulo Freire**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. Organização e participação de Ana Maria Araújo Freire. 1ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985b

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 (versão pdf).

MOREIRA, Carlos Eduardo. Criticidade. In: **Dicionário Paulo Freire**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

OLIVEIRA, Damião Bezerra; SILVA, Ivys de Alcântara; SILVA, Camila de Souza da. Diálogo como princípio formativo em Sócrates e Paulo Freire. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 15, n. 00, p. e023007, 2024. DOI: 10.20396/rfe.v15i00.8675966. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8675966>. Acesso em: 21 ago. 2024.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. A dialogicidade na educação de Paulo Freire e na prática do ensino de filosofia com crianças. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, ano 4, n.7, p.228-253, jul./dez. 2017.01. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/2ad8/70fd2b33d8021b7922645367416f2c4d1b61.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2024.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Leituras freireanas sobre educação**. São Paulo: UNESP, 2003.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. O ato de perguntar na Pedagogia Freireana. SAUL, Ana Maria (Org.) **Paulo Freire e a formação de educadores**: múltiplos olhares. São Paulo: Articulação Universidade/escola, 2000.

SHOR, Ira. FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopes. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.